

TODD STRASSER

A
ONDA

Tradução
Paula Di Carvalho

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2020

SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

PREFÁCIO

A Onda é baseado num incidente real que ocorreu numa aula de história de ensino médio em Palo Alto, Califórnia, em 1969. De acordo com o professor Ron Jones, ninguém falou sobre o assunto pelos três anos seguintes. “Foi um dos eventos mais assustadores que eu já presenciei numa sala de aula”, disse ele.

“A Onda” abalou uma escola inteira. Este livro dramatiza o incidente, mostrando como o poder da pressão coletiva — que já permeou tantos movimentos históricos e cultos — pode persuadir as pessoas a se juntar a um grupo e a abrir mão de seus direitos individuais no processo, às vezes causando um grande mal aos outros. A totalidade do que os alunos viveram e aprenderam é retratado de maneira realista nesta obra.

Em complemento ao livro, *A Onda* foi transformado em um programa televisivo de uma hora para a emissora ABC por Virginia L. Carter, diretora-executiva das produtoras Tandem Productions e T.A.T. Communications Company.

Harriet Harvey Coffin
Consultora de projetos
T.A.T. Communications Company

CAPÍTULO 1

Laurie Saunders estava na redação do jornal do Colégio Gordon, mordendo a ponta de uma caneta Bic. Ela era bonita, tinha cabelo castanho-claro curto e um sorriso quase permanente, que só desaparecia quando estava aborrecida ou mordendo canetas Bic. Ultimamente, Laurie vinha mordendo muitas canetas. Na verdade, não havia uma única caneta em sua bolsa cuja tampa não estivesse destruída por mordidas nervosas. Ainda assim, era melhor que fumar.

A garota observou o pequeno escritório ao seu redor, uma sala repleta de escrivaninhas, máquinas de escrever e mesas de luz. Naquele momento, deveria haver alunos utilizando todas aquelas máquinas, digitando matérias para *A Videira*, o jornal da escola. A equipe de arte e design deveria estar trabalhando nas mesas de luz, diagramando a próxima edição. Mas, em vez disso, a sala estava vazia, exceto por Laurie. A questão era que o dia estava lindo lá fora.

Ela sentiu o tubo plástico da caneta quebrar. A mãe da garota já lhe dissera que um dia ela morderia uma caneta até estilhaçar, então um longo pedaço de plástico se alojaria em sua garganta, fazendo com que se engasgasse até morrer. Só sua

mãe para falar uma coisa dessas, pensou Laurie com um suspiro.

Ela ergueu o olhar para o relógio na parede. Faltavam apenas alguns minutos para o fim daquele tempo. Não havia nenhuma regra dizendo que os alunos precisavam trabalhar na redação durante os tempos vagos, mas todos sabiam que a próxima edição do *Videira* precisava ser entregue na semana seguinte. Será que não podiam abrir mão de seus frisbees, cigarros e bronzeados por apenas alguns dias para publicar uma edição do jornal no prazo?

Laurie devolveu a caneta à bolsa e começou a juntar seus cadernos para o próximo tempo. Era inútil. Desde que entrara para a equipe, três anos antes, o *Videira* sempre saía atrasado. Não fez a mínima diferença ela se tornar editora-chefe. O jornal seria feito quando todo mundo resolvesse fazê-lo.

A garota saiu para o corredor, fechando a porta da redação atrás de si. Estava praticamente vazio; o sinal anunciando o início do próximo tempo ainda não tocara, e só havia alguns alunos por ali. Laurie passou por algumas portas, parou em frente a uma sala de aula e espiou pela janela.

Do lado de dentro, sua melhor amiga, Amy Smith, uma garota pequena de cabelo cacheado e cheio, à la Cachinhos Dourados, tentava sobreviver aos momentos finais da aula de francês do sr. Gabondi. Laurie tivera essa aula no ano anterior, e fora uma das experiências mais insuportavelmente entediantes da sua vida. Ele era um homem baixo, negro e corpulento que sempre parecia estar suando, mesmo nos dias mais frios do inverno. Quando ensinava, usava um tom de voz monótono e maçante que poderia facilmente colocar o mais inteligente dos alunos para dormir. E mesmo que a matéria não fosse difícil,

Laurie se lembrava de como fora quase impossível prestar atenção o bastante para tirar nota máxima.

Ao assistir à amiga lutar para se manter interessada, Laurie decidiu que ela precisava de um pouco de alegria. Assim, se posicionando do lado de fora da porta de uma maneira que Amy conseguisse vê-la, mas Gabondi não, Laurie ficou vesga e fez uma careta boba. A reação da amiga foi tapar a boca para segurar uma risada. Laurie fez outra careta e Amy tentou não olhar, mas ela não conseguia evitar se virar para conferir o que a amiga estava fazendo. Então Laurie fez sua famosa cara de peixe: puxou as orelhas, ficou vesga e fez biquinho. Amy se esforçava tanto para não rir que lágrimas escorriam pelas bochechas.

Laurie sabia que não deveria fazer mais nenhuma careta. Observar Amy era engraçado demais; qualquer coisa a fazia rir. Se Laurie continuasse, a amiga provavelmente cairia da cadeira bem no corredor entre as mesas. Mas Laurie não conseguia resistir. Virando de costas para criar suspense, ela contraiu a boca e arregalou os olhos, então girou o corpo.

Deu de cara com um sr. Gabondi muito irritado parado à porta. Atrás dele, Amy e o resto da turma riam histericamente. Laurie ficou boquiaberta. Mas antes que o professor pudesse repreendê-la, o sinal tocou e todos os alunos começaram a passar por ele para sair da sala. Amy saiu com as mãos pressionando a barriga, que doía de tanto rir. Enquanto o sr. Gabondi as olhava sério, as duas garotas saíram de braços dados em direção à aula seguinte, sem fôlego para continuar rindo.

Na sala de história, Ben Ross, debruçado sobre um projetor, tentava passar a fita de um filme pelo labirinto complexo de bobinas e lentes. Era sua quarta tentativa e ele ainda parecia longe de conseguir. Frustrado, Ben deslizou os dedos por seus cabelos castanhos ondulados. O professor passara a vida sendo atordoado por máquinas; projetores, carros, até mesmo a bomba de gasolina do posto local o deixava maluco.

Ele nunca conseguira entender por que era tão inepto, então, quando o assunto era qualquer objeto mecânico, Ben deixava a cargo de Christy, sua esposa. Ela ensinava música e regia o coral no Colégio Gordon, além de cuidar de tudo que exigisse habilidade manual em casa. Christy frequentemente brincava que não confiava no marido nem para trocar uma lâmpada, por mais que ele insistisse que era exagero. Ben já trocara muitas lâmpadas na vida, e só se lembrava de ter quebrado duas.

Até aquele momento de sua carreira no Colégio Gordon — Ben e Christy davam aula ali havia dois anos —, ele conseguira esconder suas inabilidades mecânicas. Ou melhor, elas haviam sido ofuscadas por sua fama crescente como um professor excepcional. Os alunos de Ben falavam sobre seu empenho; sobre como ele se mostrava tão interessado e envolvido num assunto que eles não conseguiam evitar sentir interesse também. Ele era “contagioso”, comentavam os alunos, querendo dizer que era carismático. Conseguia se comunicar com eles.

Os colegas de Ross tinham sentimentos um pouco mais controversos. Alguns ficavam impressionados com sua energia, dedicação e criatividade. Diziam que ele dava uma nova cara à sala de aula, que tentava ensinar aos alunos os aspectos práticos